

**HISTÓRIA, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTERNET:  
Práticas e Experiências de Catalogação de Documentos sobre História das  
Relações Internacionais disponibilizados na Internet**

**Henrique Alonso de A. R. Pereira  
UFRN – Depto. de História  
henriquealonso@yahoo.com**

O objetivo principal deste trabalho é o relato da experiência inicial de catalogação de documentos produzidos pelo governo dos Estados Unidos sobre as múltiplas facetas de suas relações com o Brasil. Este trabalho tem sido desenvolvido como projeto de extensão na UFRN e é intitulado “Catalogação de Documentos da História das Relações entre Brasil e Estados Unidos”. Os documentos catalogados foram produzidos tanto pelo corpo burocrático presente no Departamento de Estado (órgão responsável pela política externa do governo dos Estados Unidos), como também pelas representações diplomáticas estadunidenses no Brasil. Todos os documentos estão disponíveis online para consulta e divulgação pública em dois gigantescos bancos de dados, sendo um no sítio do Departamento de Estado ([www.state.gov](http://www.state.gov)) e outro criado pela Universidade de Wisconsin (<http://digioll.library.wisc.edu/FRUS>). Como os citados bancos de dados comportam enorme quantidade de documentos referentes a vários períodos (séculos XIX e XX) e países e regiões de todos os continentes, será necessário o trabalho de seleção documental para consecução deste projeto. Dessa forma, o projeto se propõe a ampliar as fontes de pesquisa histórica para os alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em história e para os pesquisadores de áreas afins.

O trabalho de catalogação de documentos produzidos pelo governo dos Estados Unidos sobre suas relações com o Brasil pretende tornar o acesso aos documentos mais fácil aos pesquisadores interessados neste assunto. Como os documentos referentes ao Brasil fazem parte de um banco de dados gigantesco, as informações sobre nosso país só são localizadas com muita dificuldade e, ademais,

estão todas em inglês (língua original na qual os documentos foram produzidos). Dessa forma, a realização deste projeto e a consequente confecção de catálogo em português possibilitará acesso bem mais facilitado aos interessados em estudar a temática por eles abordada.

A execução deste projeto deverá ser realizada em seis fases, quais sejam: 1) seleção de documentos a serem catalogados; 2) gravação e impressão dos documentos selecionados; 3) análise documental; 4) preenchimento da ficha catalográfica de cada um dos documentos; 5) impressão das análises documentais e fichas catalográficas; 6) edição, conferência e finalização da catalogação; 7) impressão final e gravação em cd do catálogo.

#### As relações entre Estados Unidos, América Latina e Brasil

Os documentos em geral tem mostrado a preocupação dos Estados Unidos com a América Latina em geral, e com o Brasil em particular. Foi na década de 1960, que a América Latina ocupou um espaço privilegiado na agenda da política externa dos Estados Unidos. A *Aliança para o Progresso* representou um grande esforço do governo dos Estados Unidos para exercer influência na América Latina no início da década de 1960. Naquele momento, a administração Kennedy ecoava um discurso segundo o qual o governo dos Estados Unidos se propunha a alargar suas fronteiras levando seus valores para a América Latina. “Vamos uma vez mais transformar o continente americano (...) num exemplo para todo o mundo de que a liberdade e o progresso andam de mãos dadas. Vamos uma vez mais despertar nossa revolução americana (...), não com um imperialismo de força ou medo, mas [com] o domínio da coragem e liberdade e esperança para o futuro do homem”, dizia Kennedy em março de 1961.<sup>1</sup> Entretanto, a construção imagético-discursiva que alicerçava não apenas a fala presidencial, como também justificava a imperiosa “necessidade” de os Estados Unidos influenciarem todo o mundo através de sua política externa, tem suas origens históricas num período anterior.

No começo de 1941, Henry Robinson Luce escreveu um artigo para a revista norte-americana *Life* intitulado “O Século Americano”. Nele, os norte-americanos eram convocados a assumir seu “dever” e a aceitar a “oportunidade” especial que se lhes oferecia. Eles deveriam, Luce escreveu, exercer “o pleno impacto” de sua influência no mundo de quatro maneiras: difundindo “sistemas de livre empresa”; propagando o treinamento em habilidades técnicas e práticas; tornando-se uma espécie de “Bons Samaritanos” para o mundo em tempos de fome e necessidade; e divulgando seus ideais de liberdade e justiça.<sup>ii</sup>

Menos conhecida é a série de artigos publicada cerca de 40 anos antes por um jornalista inglês, William Stead, e intitulada “A Americanização do Mundo”. Num amplo leque de observações e anotações sobre a história, política, relações internacionais, práticas comerciais e cultura dos Estados Unidos, Stead antevia o novo século XX que nascia como o século americano. “A americanização do mundo”, ele escreveu, “é inevitável”. Stead descreveu a americanização como uma disseminação mundial de mercadorias produzidas nos Estados Unidos.<sup>iii</sup>

Apesar da publicação de William Stead, que prenunciava em 1902 a “americanização do mundo”, os Estados Unidos iniciaram o século XX com pouco interesse em organizar a “exportação” de sua cultura.<sup>iv</sup> Enquanto as nações européias, em especial a França, tratavam da influência cultural que poderiam proporcionar como uma questão diplomática importante pelo menos desde fins do século XIX,<sup>v</sup> o governo norte-americano hesitava em desenvolver uma política externa de promoção cultural. Mesmo quando o Departamento de Estado criou a “Divisão de Relações Culturais” em 1938, muitos burocratas ligados à diplomacia estadunidense continuavam a criticar o uso da cultura como uma ferramenta diplomática.<sup>vi</sup>

Depois da Segunda Guerra Mundial, essa situação mudou consideravelmente e começou-se a destacar a necessidade de os Estados Unidos “venderem” o *American way of life*. Várias “celebridades, figuras públicas e lideranças políticas” começaram a “exortar as autoridades que os Estados Unidos exercessem maior influência por todo o mundo”.<sup>vii</sup> Em parte, como fruto desta pressão, o governo norte-americano estimulou a criação de organizações e programas, como a *United States Information Agency* (USIA)

e o *Fulbright Exchange Program*, que, entre outras atividades, promoviam a divulgação dos Estados Unidos no exterior. A “Campanha da Verdade” foi um dos marcos dessa nova postura dos Estados Unidos no período que se iniciou logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Formulada em 1950 para produzir um “contra-ataque psicológico contra a propaganda soviética”, a “Campanha da Verdade” dirigia-se especialmente a lideranças políticas e religiosas, além de outros “multiplicadores”, com livros, brochuras, exposições e palestras.<sup>viii</sup>

Entre as razões que explicam porque o governo norte-americano passou a encarar, mais seria e esforçadamente, a difusão do *American way of life* como uma “necessidade” a partir do fim da Segunda Guerra Mundial está a própria conjuntura dentro da qual esta nova postura foi gerada: a Guerra Fria. Como observa Walter Hixson, os formuladores da política externa norte-americana, em especial até o início da década de 1960, acreditavam que a promoção do modelo da cultura “baseada na livre-empresa” propagaria melhor a democracia em contraposição a “ideologias perigosas”, como era, na visão daqueles, o caso do comunismo.<sup>ix</sup>

Durante o desenrolar do século XX, e em especial durante a Guerra Fria, os Estados Unidos assumiram uma postura que alguns, como Raymond Aron, classificaram como uma “república imperial”.<sup>x</sup> Para Noam Chomsky, os Estados Unidos continuamente teriam se comportando como um império na perspectiva de garantir sua sobrevivência.<sup>xi</sup> Trilhando o mesmo caminho, James Petras argumenta que os Estados Unidos investiram fortemente em “condições de longo prazo” para manter suas “instituições imperiais”.<sup>xii</sup> Seguindo a mesma direção, Rob Kroes afirma que, como ocorrera com Roma na antiguidade, os Estados Unidos haveriam se transformado no “centro das teias de controle e comunicação que atravessam o mundo”.<sup>xiii</sup>

A política exterior implementada pelos EUA na América Latina durante o século XX foi entendida por muitos pesquisadores como um expansionismo imperialista ou como a realização de um projeto de americanização.<sup>xiv</sup> Alguns trabalhos que tratam em especial da relação entre o Brasil e os Estados também caminharam, guardadas certas diferenças, na mesma direção. Esse, por exemplo, é o caso de *The Americanization of Brazil*. O autor, Gerald Haines, um historiador que trabalhou na

*Central Intelligence Agency* (CIA), procurou mostrar como o governo norte-americano atuou para manter o Brasil sob sua influência entre 1945 e 1954. Outro trabalho que segue direção semelhante é *Imperialismo Sedutor*, do historiador Antonio Pedro Tota, que trata especificamente da americanização do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.

A influência dos Estados Unidos e seu envolvimento ao redor do mundo, em especial no ocidente, experimentou um crescimento significativo durante a segunda metade do século XX, ainda que as atitudes dos norte-americanos em relação a tal evolução tenha oscilado consideravelmente. “Visto de fora”, assevera Godfrey Hodgson, “como uma realidade que outras nações têm de confrontar, o crescimento do poder americano tem sido constante; visto de dentro, como um elemento da política doméstica (...), o envolvimento norte-americano no exterior tem flutuado num processo de ação e reação, sístole e diástole”. As razões para esse conflito de visões sobre o aumento da influência norte-americana no mundo estaria vinculada, segundo aponta Hodgson, a duas “constantes da história americana”, quais sejam: imigração e fronteira. Entre os imigrantes que vieram para os Estados Unidos haveria uma atitude no que concerne ao exterior, originalmente em relação a Europa, mas depois no tocante a outros continentes, de “ressentimento” na medida em que muitos deles seriam “refugiados políticos ou econômicos”. Seguindo outra direção, a noção de fronteira teria construído na “psiquê norte-americana um expectativa de firme expansão”. Estas duas experiências e as atitudes que elas teriam engendrado e estabelecido, ou pelo menos inspirado em larga medida, forjaram os modelos para o desenvolvimento da política externa norte-americana. Assim, teria se verificado uma alternância entre, de um lado, o “impulso para tirar vantagem do crescimento da força política, militar e econômica norte-americana”, e, de outro, o “desejo de evitar ‘alianças complicadas’ e outras formas de envolvimento através dos quais um mundo exterior corrupto poderia manchar a pureza da vida norte-americana”. Dessa forma, Hodgson conclui que por todo o século XX, em especial durante a Guerra Fria, enquanto o poder e a influência dos Estados Unidos cresciam constantemente, aquele dualismo teria condicionado a americanização do mundo.<sup>xv</sup>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECK, Ingrid. Manual de Conservação de Documentos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1985.
- CASTRO, Jaime. Arte de tratar o livro. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. História da política exterior do Brasil. São Paulo: Ática, 1992.
- DAVIS, Sonny B. A brotherhood of arms: Brazil-United States military relations, 1945-1977. Niwot: University Press of Colorado, 1996.
- HAINES, Gerald K. Americanization of Brazil: A Study of U.S. Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954. Wilmington, Delaware: SR Books, 1989.
- HOLDEN, Robert H.; ZOLOV, Eric. Latin America and the United States: a Documentary History. New York: Oxford University Press, 2000.
- McCANN JR., Frank D. The Brazilian-American Alliance, 1937-1945. Princeton: Princeton University Press, 1973.
- PEREIRA, Henrique Alonso de A. R. Criar ilhas de sanidade: os Estados Unidos e a Aliança para o Progresso no Brasil. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC, 2005.
- \_\_\_\_\_. “A Luta Anticomunista dos EUA na América Latina”. In: IX Simpósio Internacional da Associação Ibero-Americana de Filosofia Política. Anais do IX Simpósio Internacional da Associação Ibero-Americana de Filosofia Política. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2005.
- TOTA, Antonio Pedro. O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil durante a Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- WEIS, W. Michael. Cold Warriors & Coups D'Etat : Brazilian-American Relations, 1945-1964. New Jersey: Princenton University Press, 1993. SPINELLI JUNIOR, Jaime. Introdução à conservação de acervos bibliográficos: experiência da biblioteca nacional. Rio De Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

<sup>i</sup> "Let us once again transform the American continent into (...) an example to all the world that liberty and progress walk hand in hand. Let us once again awaken our American revolution (...), not with an imperialism of force or fear, but the rule of courage and freedom and hope for the future of man". U.S. GENERAL SERVICES ADMINISTRATION. *Public Papers of the President John F. Kennedy, 1961-1963*. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1962. vol. 1. p. 357.

<sup>ii</sup> "duty"; "opportunity"; "the full impact"; "systems of free enterprise"; "Good Samaritans". LUCE, Henry Robinson. "The American Century", *Life* 10, 17 Feb. 1941, p. 61-65.

<sup>iii</sup> "the Americanization of the world is inevitable". STEAD, William Thomas. *The Americanization of the world, or the trend of the twentieth century*. London: Review of Reviews, 1902.

<sup>iv</sup> Não obstante, no começo do século XX, a cultura e tecnologia norte-americanas eram extensamente admiradas, em especial na Europa. Cf. IRIYE, Akira. *The Globalizing of America, 1913-1945*. Cambridge History of American Foreign Relations, v. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. Ver em especial o Capítulo 7, "1920s: The Cultural Aspect", p. 103-115.

<sup>v</sup> Cf. WEBER, Eugen Joseph. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Sobre a influência da *Belle Époque* francesa mundo afora ver HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 73, 76, 85, 159, 234.

<sup>vi</sup> Cf. NINKOVICH, Frank. "The Currents of Cultural Diplomacy: Art and the State Department, 1938-1947". IN: *Diplomatic History* Malden, MA: Blackwell Publishers, vol. 1, nº. 1, 1977. p. 217, 219. Ver também GIENOW-HECHT, Jessica C. E. "Shame on US?; Academics, Cultural Transfer, and the Cold War - A Critical Review". IN: *Diplomatic History*. Malden, MA: Blackwell Publishers, vol. 24, nº. 3, 2000. p. 495-502.

<sup>vii</sup> "celebrities, public figures as well as political leaders"; "exhorted the authorities that U.S. must exert more influence culture around the world". Ibid. p. 467.

<sup>viii</sup> "Campaign of Truth"; "psychological counterattack against Soviet propaganda"; "multipliers". HIXSON, Walter L. *Parting the Curtain: Propaganda, Culture, and the Cold War, 1945-1961*. New York: St. Martin's Press, 1997. p. 1-27.

<sup>ix</sup> Ibid. p. 29. Livros publicados pelo Departamento de Estado na década de 1970 que tratavam dos programas de relações culturais dos Estados Unidos na América Latina ainda refletiam essa atitude originária do início da Guerra Fria. Por exemplo: ESPINOSA, Wilma. *Inter-American Beginnings of U.S. Cultural Diplomacy*. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1976.

<sup>x</sup> Cf. ARON, Raymond. *The Imperial Republic: The United States and the World, 1945-1973*. Cambridge: Winthrop, 1974.

<sup>xi</sup> CHOMSKY, Noam. *O império Americano: hegemonia de sobrevivência*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

<sup>xii</sup> "long-term conditions"; "imperial institutions". PETRAS, James F. *Empire of Republic? American global power and domestic decay*. New York, London: Routledge, 1995. p. 1.

<sup>xiii</sup> "center of webs of control and communication that span the world". KROES, Rob. "American Empire and Cultural Imperialism: a view from the receiving End". IN: *Diplomatic History*. Malden, MA: Blackwell Publishers, vol. 23, nº. 3, 1999. p. 465.

<sup>xiv</sup> Ver a esse respeito: CHOMSKY, Noam. *O que o Tio Sam realmente quer*. Brasília: UnB, 1999; PETRAS, James. *Império e políticas revolucionárias na*



**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

---

América Latina. São Paulo: Xamã, 2002; FURTADO, Celso et al. Império e imperialismo americano. Porto: Firmeza, 1973; IANNI, Octavio. *Imperialismo na América Latina*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1988; e SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>xv</sup> "Seen from outside"; "as a reality that other nations have had to confront, the growth of American power has been constant; seen from the inside, as an element of domestic politics (...), American involvement in the outside world has fluctuated in a process of action and reaction, systole and diastole"; "constants of American history"; "political or economical refugees"; "into the American psyche an expectation of steady expansion"; "the impulse to take advantage of America's growing economic, military, and political strength to export American ideas and values to the world"; "desire to avoid 'entangling alliances' and other forms of involvement by which a corrupt outside world might soil the purity of American life". HODGSON, Godfrey. "Immigrants and frontiersmen: two traditions in American foreign policy". IN: *Diplomatic History*. Malden, MA: Blackwell Publishers, vol. 23, nº. 3, 1999. p. 525-537.